

ENSINO, INCUBAÇÃO E EMPRESAS JUNIORES: AS TRÊS FACETAS DA UNIVERSIDADE BRASILEIRA INSERIDAS NO DESENVOLVIMENTO DO EMPREENDEDORISMO NO SÉCULO XXI

Teaching, Incubation and 'Junior Enterprises': Three Facets of The Brazilian University focusing on the development of entrepreneurship in the 21st Century

Clayton Luís **GUIMARÃES**¹; Elói Martins **SENHORAS**²; Katiuchia Pereira **TAKEUCHI**³

¹Graduando pela Universidade de São Paulo (USP) - Escola de Engenharia de São Carlos (EESC) e *Visiting Scholar* na École Polytechnique de Montréal

²Graduando e Pós-graduando pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) - Instituto de Economia (IE) e *Visiting Scholar* na University of Texas at Austin

³Doutoranda pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) - Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA)

RESUMO

Através de um formato crítico de análise da universidade brasileira, este artigo descreve o ensino, a incubação e as empresas juniores como três facetas promissoras nas oportunidades a serem abertas para o século XXI. O propósito é apresentar essas experiências inovadoras como fundamentais veículos do aprendizado, haja vista que o formato *learning by interacting* e *by doing* possibilitam que um conjunto de interações com uma multiplicidade de fontes de informações e conhecimentos se tornem alavancas para o empreendedorismo. Com essa discussão são fornecidos os subsídios para a garantia de pluralidade e o aprofundamento do debate sobre os desafios e oportunidades do desenvolvimento do empreendedorismo, que nesse novo milênio tem uma função estratégica para a sustentabilidade social brasileira.

Palavras chaves: *empreendedorismo, ensino, empresa junior, incubadora, universidade.*

ABSTRACT

Through a critical format to analyze the Brazilian university, this article describes the education, the incubation and the 'junior enterprise' as three promising facets in the chances to be opened for the 21st century. The intention is to present these innovative experiences as the basic vehicles of the learning process, due to the format of learning by interacting and doing which make possible a set of interactions with a multiplicity of sources of information and knowledge to become handspikes for entrepreneurship. With this discussion the guarantee of plurality and the deepening of the debate on the challenges and chances for the development of entrepreneurship are supplied as subsidies, because for this new millennium entrepreneurship has a strategical function for the Brazilian social sustainability.

Key words: *entrepreneurship, education, 'junior enterprise', incubator, university.*

1 - INTRODUÇÃO

Mudanças de século são propícias, como prova a história, a ensejar uma inquietação cultural, que deságua em transformações inevitáveis. A universidade somente estará preparada para viver com intensidade esse momento, se colocar em prática a realidade de que no terceiro milênio, a educação, o ensino e a pesquisa não podem ser necessariamente os mesmos do século passado.

Para tanto, é preciso encontrar um meio para acelerar as mudanças internas nas universidades. O Ensino, a incubação e as empresas juniores são três facetas que têm surgido no âmago da universidade brasileira e que tendem a se tornar um importante referencial para discutir e propor alternativas para o século XXI, principalmente porque elas têm se inserido no núcleo do desenvolvimento do empreendedorismo.

A sociedade, hoje, pede mais que a formação de recursos humanos pela universidade. Novas necessidades estão surgindo e é preciso identificá-las e canalizá-las para as competências da universidade.

De acordo com o esquema de interação universidade-empresa-sociedade, tendo como referência a economia, a política, ideologias e objetivos das instituições, tanto universidades como empresas e a sociedade tentarão, através de processos de interação, estabelecer códigos comuns, que diminuam suas diferenças, para buscar o desenvolvimento tecnológico e inserção socio-econômica. Os cursos de Empreendedorismo, as Empresas Juniores e as Incubadoras Tecnológicas são três desses reflexos no meio universitário.

Nesse ambiente, as exigências da visão pós-moderna da universidade requerem um processo de ensino-aprendizagem, pesquisa-extensão que não somente enfoque a transmissão de informações, mas principalmente que auxilie o indivíduo a intervir através de um posicionamento mais pró-ativo.

Assim, o que se torna importante para as pessoas não é apenas ter acesso à informação ou possuir um conjunto dado de habilidades, mas fundamentalmente ter capacidade para empreender e construir novas habilidades conhecimentos, através de um contínuo processo de *learning-by-learning*.

2 - ENSINO & EMPREENDEDORISMO NA UNIVERSIDADE

Na sociedade pós-industrial, o último estágio é a sociedade do conhecimento, na qual a criação, distribuição e manipulação da informação constituem a principal fonte de geração de riquezas¹.

Nesse cenário, o ensino universitário, principalmente o de graduação, vem sofrendo grande pressão nos últimos anos, pois é esperado que ele seja capaz de habilitar, treinar, preparar milhares de jovens para as atividades profissionais que serão executadas após o término do curso.

Se essa necessidade em atender aos anseios e necessidades desses milhares de jovens já não fosse o suficiente, a universidade tem que fazê-lo com recursos cada vez menores e enfrentando mudanças radicais no meio ambiente dos negócios, as quais são ditadas pela chamada globalização. Essa grande pressão vem causando impactos no ensino universitário de graduação deixando, tanto docentes quanto discentes, extenuados, pois os professores precisam estar continuamente a par dessas tendências e os alunos precisam apreender esse conhecimento e reproduzi-lo, apesar de não perceberem nenhuma ligação com a prática.

O descontentamento é geral e tem como principais fatos geradores o distanciamento entre teoria e prática no nosso ensino universitário e os papéis exercidos por professores - "transmissores de conhecimento" - e alunos - "reprodutores de conhecimento".

Apesar da dificuldade em se quebrar paradigmas e em se processar transformações nas estruturas do ensino universitário, a ruptura do estereotipado papel do aluno como sendo passivo precisa ser perseguido com empenho, a fim de ser possível melhorar a qualidade do ensino ministrado em nossas universidades.

Por outro lado, o contexto atual se caracteriza por mudanças aceleradas e a capacidade de gerar e absorver conhecimentos vem sendo considerada crucial para formação de um indivíduo. Para acompanhar as rápidas mudanças em curso, torna-se de extrema relevância a aquisição de novas capacitações e conhecimentos, o que significa intensificar a capacidade dos indivíduos.

Mas o que deve ser feito para que pessoas possam desenvolver talentos e atingir excelência em seus intelectos? Segundo Ludwig (1997), "uma revolução da educação e pela educação". No novo paradigma educacional, os estudantes devem ser colocados como agentes pró-ativos do processo educacional, daí há necessidade de inseri-los no desenvolvimento de projetos, como proporcionado pelas empresas juniores e em cursos de empreendedorismo.

2.1 - ENSINO DE EMPREENDEDORISMO: A NOVA PERCEPÇÃO NA UNIVERSIDADE BRASILEIRA

Enfatizar características empresariais através de treinamento específico ao incentivo de empreendedores parece ser o caminho adequado para o sistema universitário brasileiro contribuir com o desenvolvimento empresarial e econômico do Brasil. Isto porque, dada a relevância das pequenas e médias empresas no contexto geral da economia nacional, é de fundamental importância que se desenvolva uma cultura empresarial que privilegie o fortalecimento dessas empresas, cruzando a o processo de ensino-aprendizagem com a formação de jovens empreendedores. Esta interconexão deve reforçar os exemplos de empreendedores de sucesso encontrados, principalmente, dentro da própria comunidade onde o jovem se insere. Mas como realizar esta fusão? Através do ensino de empreendedorismo, que envolve cursos a respeito de ferramentas de gestão. Trata-se de ensinar conceitos e formas de identificar oportunidades para serem transformados em negócios de sucesso.

¹ Para Stewart (1998), o capital intelectual constitui a matéria intelectual, como o conhecimento, a informação, a propriedade intelectual e experiências que podem ser utilizadas para gerar riqueza. Capital intelectual é, enfim, o conhecimento existente em uma organização e que pode ser usado para criar uma vantagem diferenciada.

No ensino de empreendedorismo encontra-se a diferença na metodologia de ensino aplicada em regiões distintas. Todos os atores têm que ser considerados na adaptação metodológica. Neste paradoxo, há a necessidade de adaptar a metodologia para a realidade de cada região, aplicando as características culturais dos alunos da instituição onde eles se encontram.

Trata-se de empreendedores universitários que tem talento e idéias para um novo negócio, mas na maioria das vezes não têm *know-how* para transformar esses ativos intangíveis em negócios viáveis. E isto pode e deve ser provido com cursos, treinamentos e workshops e administração de negócios, marketing, plano de negócios, contabilidade e finanças, etc.

A *expertise* local em administração de negócios precisa estar disponível à formação dos alunos universitários. Incitar o potencial empreendedor dos estudantes de graduação provoca interesse destes na participação de projetos ligados à Empresas Juniores em muitos casos.

Além de ampliar as chances de emprego dos alunos, disciplinas de gestão e administração fazem com que o corpo discente aprenda conceitos fundamentais para qualquer atividade que venham a desempenhar o empreendedorismo como postura profissional.

É uma lei de mercado: empreendedorismo se aprende na prática ou nas universidades. Mas são poucas as universidades que dispõem deste tipo de ensino nos currículos dos seus cursos². Somente com o suporte da universidade, os jovens chegarão mais preparados às incubadoras e terão condições de aproveitar melhor o processo.

A existência do ensino de empreendedorismo talvez seja um dos principais fatores que determinará o sucesso da incubadora universitária ou das incubadoras de empresas de uma região. Sem empreendedores não há incubadora de empresas e sem um ensino qualificado de formação de empreendedores, dificilmente uma incubadora de empresas terá uma grande parcela de excelentes empreendedores. Assim os casos de sucesso acabam sendo raros (Dornelas, 2001).

3 - EMPRESA JÚNIOR: UM ELO ENTRE TEORIA E PRÁTICA DO EMPREENDEDORISMO

Um dos formatos bem sucedidos de se conseguir o “casamento” entre teoria e prática nas universidades brasileiras tem consistido em trazer aos alunos experiências práticas, através do movimento de Empresas Juniores (EJs).

O projeto das Empresas Júnior tem como um dos objetivos principais despertar a ação empreendedora dos alunos a partir da formação universitária. Pretende-se também estimular a geração de novos negócios e empresas por meio da iniciativa e criatividade de jovens universitários. Segundo Paladino (2001), trata-se de um fenômeno econômico e empresarial, com um faturamento global de milhões de dólares todos os anos.

A empresa júnior é uma organização sem fins lucrativos, com prazo de duração indeterminado, ligada a uma unidade universitária. A administração é feita por estudantes de graduação, dos mais variados cursos, com respaldo técnico dos professores universitários. A empresa é criada através de convênio e regida por estatuto. A universidade fornece toda a infra-estrutura necessária para manutenção da empresa como: sala, telefone, fax e microcomputador. Como pessoa jurídica, paga impostos municipais e declara imposto de renda.

A Empresa Júnior tem a natureza de uma empresa real, com diretoria executiva, conselho de administração, estatuto e regimento próprio, com uma gestão autônoma em relação à direção da faculdade, centro acadêmico ou qualquer outra entidade acadêmica.

De acordo com a FEJESP (2003), Federação das Empresas Juniores do Estado de São Paulo, pode-se definir uma empresa júnior da seguinte maneira: “Empresa Júnior é uma associação civil, sem fins lucrativos, constituída exclusivamente por alunos de graduação de estabelecimentos de ensino superior e que presta serviços e desenvolve projetos para empresas, entidades e sociedade em geral, nas suas áreas de atuação, sob supervisão de professores e profissionais especializados”.

Para o estudante, a EJ preenche o espaço entre o conhecimento teórico e a experiência obtida somente com a prática, de acordo com a filosofia de que não se aprende melhor do que praticando, lidando com as dificuldades e empecilhos reais, aprendendo com os próprios erros e os já cometidos no passado.

A participação dos alunos de graduação pode se dar através do envolvimento direto com a estruturação e funcionamento da EJ, ou também como consultor júnior na realização de projetos.

² Instituições de ensino superior como a Universidade Federal do Pernambuco (UFPE) e a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) são exemplos desses poucos casos, onde na grade curricular de seus cursos de tecnologia já constam disciplinas de preparação dos jovens para enfrentar o competitivo mercado atual à frente de uma empresa. Por outro lado, o programa nacional Softex, mantido pelo Ministério da Tecnologia, tem sido um dos elementos de coordenação nacional de estímulo para a implantação de uma cadeia de empreendedorismo nos cursos de computação do País, com o objetivo de estimular os alunos a se tornarem empresários.

Este envolvimento é muito importante, pois prepara o aluno para empreender o seu próprio negócio ou para melhor desempenhar a sua profissão.

Além da possibilidade de atuar no mercado de trabalho, os empresários juniores também ganham motivação para identificar as suas deficiências e buscar soluções com o desenvolvimento de habilidades pessoais como capacidade de negociação, comunicação, senso crítico, criatividade, flexibilidade e espírito empreendedor.

O Movimento Empresa Júnior surgiu como forma de criar um elo universidade-empresa para que os alunos experimentassem a realidade de mercado enquanto estudantes de graduação. Através da prestação de serviços em consultoria os membros de uma EJ têm a oportunidade de aplicar na prática os conceitos adquiridos na faculdade e complementar sua formação com o aprendizado de práticas de administração de empresas.

Diferentemente de uma empresa convencional, o acúmulo financeiro não é o objetivo final de uma EJ, pois esta entidade não tem fins lucrativos. O lucro é o desenvolvimento dos estudantes, o que se reflete positivamente na sociedade.

Outra diferença fundamental é que uma EJ não tem concorrentes, apenas aliadas. Quanto maior for o número destas organizações, maior será a possibilidade de troca de experiências, contatos, informações e de realização de trabalhos em parceria. Isto ocorre mesmo entre EJs que atuam em áreas semelhantes e que, portanto, prestam o mesmo tipo de serviços.

Em 1990, sete EJs se uniram e fundaram a FEJESP, Federação de Empresas Juniores do Estado de São Paulo. Poucos anos mais tarde surgem federações em outros estados como Bahia e Santa Catarina. As federações orientam a formação de novas EJs e promovem a integração das já existentes, além de zelar pela ética do movimento júnior.

Em 1993, realizou-se em São Paulo o primeiro ENEJ, Encontro Nacional de Empresas Juniores, desde então os encontros têm servido para o crescimento em importância do movimento júnior perante o meio universitário e sociedade.

3.1 - AS EMPRESAS JÚNIRES E SEUS PAPÉIS NA INTEGRAÇÃO UNIVERSIDADE-EMPRESA

A empresa júnior ao agir como um articulador na integração entre a universidade e as empresas através do oferecimento de ferramentas de pesquisa e a realização de projetos colabora para o aumento das chances de sobrevivência no mercado, principalmente daquelas pequenas e médias empresas que não possuem recursos para o investimento em Pesquisa & Desenvolvimento (P&D).

A integração entre a universidade-empresa se dá através da troca de benefícios entre estes dois participantes através da ponte estabelecida pela EJ, criando oportunidades para os alunos de graduação para a aplicação prática de seus conhecimentos técnicos, o que contribui para a vivência prático-profissional como consultor júnior, desenvolvendo habilidades gerenciais e visão empresarial. A partir desta experiência, o futuro profissional é estimulado no processo de formação do caráter empreendedor antecipando a realidade e preparando-os para a prática profissional ou até a criação de suas próprias empresas.

As EJs são, acima de tudo, um excelente laboratório para o aluno de graduação fazer a complementação em sua formação para o mercado. Este aluno poderá testar sua capacidade de trabalhar em grupo, seu relacionamento interpessoal, sua visão de negócios e sua capacidade administrativa. Em outras palavras, ele estará se capacitando para ser um profissional empreendedor. O principal objetivo da empresa júnior, como explícito na Tabela 1, é proporcionar ao estudante de graduação a ela associado, independente da sua área de formação, as condições necessárias para aplicação de seus conhecimentos teóricos. Para isso, presta serviços à sociedade em diferentes áreas, através de consultorias a um preço muito abaixo daquele estipulado no mercado.

Tabela 1 - Principais Objetivos das EJs

Proporcionar ao estudante a aplicação prática de conhecimentos teóricos, relativos à área de formação profissional específica.
Desenvolver o espírito crítico, analítico e empreendedor dos alunos.
Contribuir com a sociedade através de prestação de serviços, proporcionando ao micro, pequeno e médio empresário especialmente, um trabalho de qualidade a preços acessíveis.
Intensificar o relacionamento empresa-escola.
Facilitar o ingresso de futuros profissionais no mercado, colocando-os em contato direto com o seu mercado de trabalho.
Valorizar a instituição de ensino como um todo no mercado de trabalho.

Fonte: Elaboração Própria.

O aluno é o principal cliente da EJ, cuja missão é buscar seu desenvolvimento pessoal, profissional e acadêmico através da prestação de serviços de qualidade.

O grande papel que uma EJ desempenha neste cenário é a de facilitar a inserção de alunos em projetos sob a orientação de professores, além de estreitar os laços de cooperação universidade-empresa. Os alunos engajados nos projetos têm a oportunidade de aliar a teoria à prática, contando com a supervisão de professores. Além de estimular o desenvolvimento de competências importantes para o desempenho da profissão.

As Instituições de ensino superior que contam com EJs, além da possibilidade de oferecer uma oportunidade diferenciada de desenvolvimento para o aluno, são favorecidas pela divulgação que o trabalho da EJ garante ao seu nome.

Ademais, o professor universitário encontra na EJ uma oportunidade de repassar seus conhecimentos e pesquisas para estudantes comprometidos com o aprendizado e com interesse de aplicar a teoria acumulada durante o curso superior.

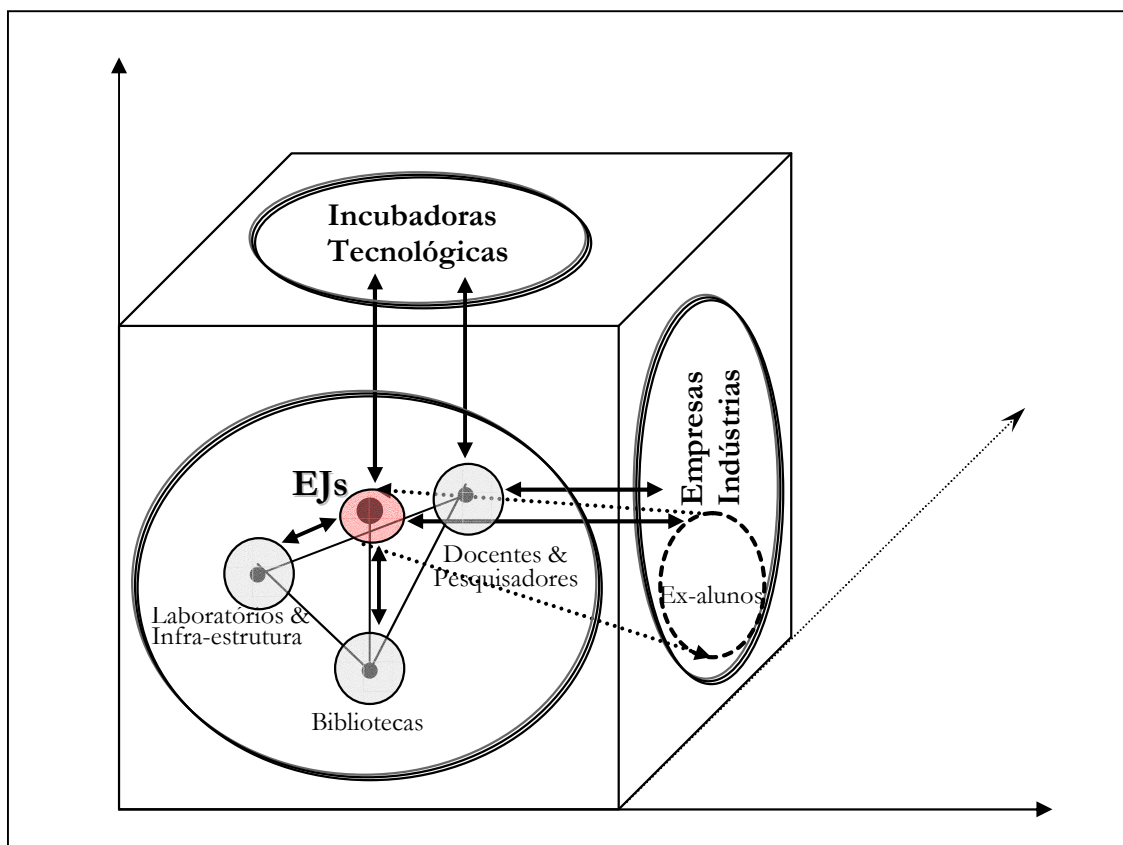
Uma universidade, através da participação ativa de professores, a cessão de laboratórios e ferramentas de pesquisas, cumpre o seu papel de difusor de conhecimento, prestando à sociedade, contribuição técnica especializada, via prestação de serviços, assessorando-a na implementação de soluções indicadas para problemas diagnosticados para as empresas via projetos de consultoria.

As EJs são importantes mecanismos dinamizadores da relação empresa-universidade, onde muitos dos alunos que participaram ativamente do movimento, foram estimulados no caráter “empreendedor” e montaram empresas próprias. Desse modo, o envolvimento de alunos nas EJs favorece tanto a formação social, cultural e tecnológica quanto estimula o caráter empreendedor do futuro profissional. Esta capacitação é muito bem-vinda à economia e ao crescimento do país.

Como o trabalho de uma EJ está relacionado ao desenvolvimento de projetos e na ampliação das potencialidades de empreendedorismo; diversos alunos ou grupos de alunos dos cursos de alta tecnologia tem seus projetos empresariais incubados em Programas de Incubação de Empresas dentro das próprias universidades.

Portanto, as EJs se configuram como um núcleo central de onde são engendradas e para onde convergem interações no plano da Universidade e no plano das Empresas. Os vetores de interação se direcionam dentro da rede universitária para laboratórios, bibliotecas e aproximação científico-tecnológica docente-aluno, e também exteriormente a ela com a satisfação das demandas empresariais e para a formação de redes empreendedoras.

Figura 1 - Vetores de Integração Empresa-Universidade através das EJs



Fonte: Elaboração própria.

Nesse elo de inter-relações entre a universidade e as empresas, os ex-empresários juniores que são absorvidos pelo mercado de trabalho têm realizado uma ampla divulgação do movimento das EJs em suas empresas, o que resulta em um estímulo para uma maior aproximação das empresas à universidade através de serviços e produtos demandados, devido ao reconhecimento da seriedade de trabalho e ganhos trazidos.

Assim, há um processo de realimentação - conforme explicitado pelo fluxo circular tracejado, de reprodução ampliada da interação universidade-empresa da Figura 1 - engendrado pelo contínuo aumento da inserção profissional de recém-formandos e completado com o aumento da demanda de serviços internos à universidade por profissionais que anteriormente engrossavam as fileiras do movimento Júnior.

Para que uma EJ tenha sucesso³ é de fundamental importância que a instituição ou faculdade ao qual a EJ esteja vinculada dê apoio e incentive as suas atividades. O apoio contribui para o melhor desempenho dos objetivos, de forma que a EJ possa cumprir o seu papel de agente de capacitação de alunos de graduação que tenham contato com vivências administrativas ou de realização de projetos de consultoria, onde ocorre a aliança entre a teoria e a prática. Além da contribuição técnica especializada para o progresso da sociedade.

4 - A INCUBAÇÃO UNIVERSITÁRIA

As incubadoras de empresas são programas de assistência às micro e pequenas empresas em fase inicial. Sua finalidade é viabilizar projetos, criando novos produtos, processos ou serviços, gerando novas empresas que, após deixarem a incubadora, estejam aptas a se manter no mercado.

Segundo Bermudez (2000), incubadora é o termo usado nos dias atuais para descrever um número crescente de grupos de negócios de alta tecnologia que fornecem as facilidades físicas, rede de conhecimentos pessoais, animação, consultorias e um número de necessidades e apoios que pode tornar possível o empreendedorismo.

Uma incubadora é constituída por uma entidade coordenadora e algumas empresas incubadas. As incubadoras, ao oferecerem infra-estrutura, apoio técnico, administrativo e de serviços, simultaneamente diminuem os riscos de fracasso empreendedor e criam um ambiente encorajador, com custos e impostos minimizados, facilitador do desenvolvimento inicial da empresa.

Alguns fatores críticos se apontam para o sucesso das incubadoras e, por conseguinte, das empresas nelas presentes. Dentre eles: Acesso a financiamentos e investimentos com suporte financeiro e assessoria financeira, administração de negócios, rede estabelecida de empreendedorismo, seleção de empresas incubadas e programa de metas com procedimentos e políticas claras.

O Investimento de capital de risco, infra-estrutura de alta tecnologia, idéias criativas e uma cultura empreendedora focada no negócio são os quatro pilares da inovação tecnológica, assim sendo, a convergência destes quatro fatores faz das incubadoras de empresas um importante elo de ligação entre os empreendedores, especialmente os voltados a empreendimentos em alta tecnologia, e a comercialização de seus produtos e serviços.

Tabela 2 - Principais Benefícios da Incubadoras

Consultorias e apoios na área gerencial que permite a aceleração do processo e a solidez necessária para o ingresso no mercado altamente competitivo nas áreas inovadoras
Sinergia entre empresas participantes junto com a comunidade local
Orientação necessária para a capitalização destes empreendedores, seja através da preparação para o recebimento de um aporte de capital de risco como também na procura de fundos de financiamento.
Orientação empresarial, consultoria em <i>marketing</i> , suporte em informática, apoio para cooeperação universidade/empresa e assistência jurídica.

Fonte: Elaboração Própria.

³ Adaptada às condições acadêmicas e econômicas locais, estima-se que existam hoje cerca de 500 Empresas Juniores operando dentro das universidades públicas e privadas brasileiras, com o envolvimento direto de milhares de alunos nos projetos desenvolvidos nas mais diversas áreas: administração, direito, economia, agronomia, serviço social, comunicação, engenharias, turismo e hotelaria, veterinária, psicologia, ciência da computação, etc. O sucesso das EJ deve-se, portanto, ao fato de se constituir numa interface moderna entre as instituições de ensino superior e o mundo econômico, especialmente o mercado de trabalho. Um dos grandes méritos da EJ é complementar a formação acadêmica do aluno, através de trabalhos práticos em sua área de atuação profissional. Outro mérito das EJ é contribuir para que os cursos superiores adaptem suas grades curriculares às necessidades do mercado: um dos por quês do surgimento de cursos sobre empreendedorismo.

Existem incubadoras de diferentes portes, ofertando uma grande variedade de apoios, serviços e consultorias para os empreendedores, assim como há diferentes tipos de empreendedores: pesquisadores, alunos, ex-alunos e professores de universidades e autônomos.

De um modo geral, fisicamente, as *incubadoras tecnológicas* consistem em prédios que reúnem vários pequenos empreendimentos que estão começando, e que na sua grande maioria situam-se nos setores mais dinâmicos da economia (eletrônica, informática, biotecnologia). Nas incubadoras, as empresas recebem apoio, capacitação e facilidades de infra-estrutura para os primeiros anos da sua existência, até se consolidarem no mercado e poderem andar por conta própria.

No período recente, verifica-se um maior interesse das Universidades juntamente com outras instituições e com os governos estaduais nos projetos de implantação de incubadoras, como forma de fornecer infra-estrutura para as microempresas começarem a funcionar. Ademais, a ampliação do número de incubadoras torna-se uma forma de estimular e contribuir para o desenvolvimento regional.

Para que tal ocorra, Fontes (2001) indaga quando é a hora de uma empresa novata finalmente receber alta da incubadora e partir para o mundo com suas próprias pernas. Em geral, o período de incubação varia de dois a três anos, mas a regra é que os empreendedores estejam maduros para o mercado e a empresa, rentável. Caso contrário, a ordem é continuar incubado.

4.1 - A EVOLUÇÃO E O MODELO DA INCUBAÇÃO UNIVERSITÁRIA BRASILEIRA

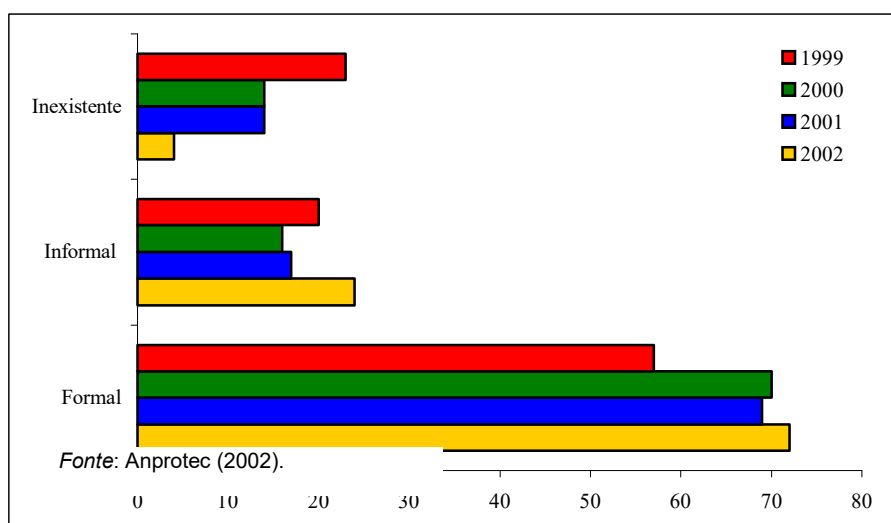
O movimento de incubadoras tecnológicas no Brasil teve início na década de 80 com o surgimento das primeiras experiências em São Carlos-SP, Campina Grande-PB, Florianópolis-SC e no Rio de Janeiro-RJ. Desde então, o número de incubadoras têm crescido de forma exponencial, retratando um panorama de desenvolvimento da incubação de empresas em um movimento cujo aprimoramento se efetiva através do apoio das diversas esferas públicas e privadas.

A motivação para o nascimento e crescimento das incubadoras está relacionada com o estímulo à cooperação, principalmente entre universidade/empresa/sociedade, com otimização ao potencial regional no desenvolvimento econômico, social, tecnológico e, principalmente, com o incentivo ao empreendedorismo.

Uma parte crescente das verbas públicas e do apoio oficial têm sido dirigido para a formação de incubadoras de empresas tecnológicas localizadas no espaço físico das universidades e contemplados com condições de infraestrutura extremamente vantajosas, como: corpo docente próximo, insenção de despesas de manutenção, acesso aos arquivos da biblioteca, recursos técnicos existentes.

O gráfico 1, a seguir retrata a evolução das incubadoras dentro das universidades e centros de pesquisa, segundo três categorias de análise: a) a ausência de vínculos entre incubadoras e universidades; b) a presença informal de relacionamento; e finalmente c) a presença de uma ligação formal entre a universidade e a incubação.

Gráfico 1 – Evolução das Incubadoras Universitárias e de Centros de Pesquisa



Ao se
garantir

novas empresas o acesso às universidades e centros de pesquisa, as incubadoras tecnológicas às

passam a trabalhar com tecnologia de ponta. Desta forma, a experiência de incubação de empresas produz, como desdobramento, a modernização dos processos produtivos. Isto traz uma importante informação: significa que as Empresas Juniores presentes nestas universidades podem aproveitar a oportunidade de interação com estas incubadoras para melhorar a sua rede de relacionamentos e a capacidade de engendrar o empreendedorismo.

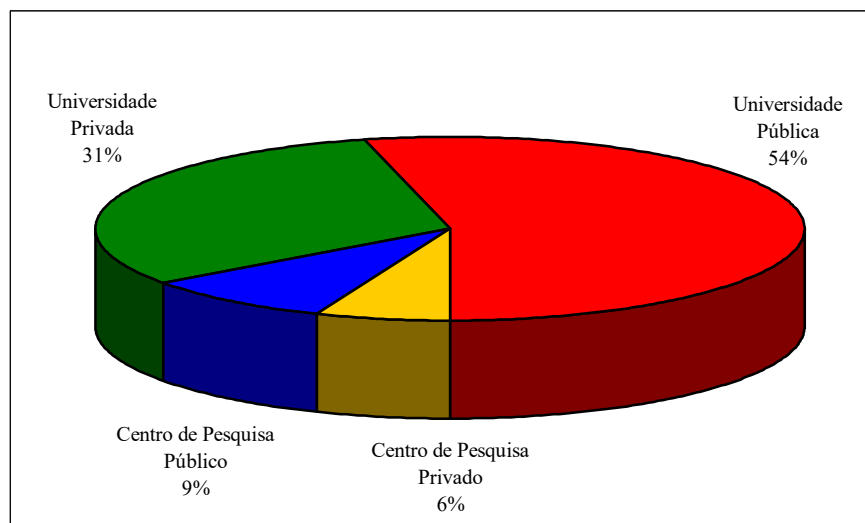
Há vários modelos de incubação adotados nos *campi* universitários brasileiros. Apesar dessa proliferação de formatos é possível agregar os diferentes modelos segundo 3 pontos de convergência no padrão de semelhança. Por isso, é plausível chamar *modelo tripartite*, o padrão disseminado através das diversas e diferentes instituições de ensino superior brasileiras.

O pilar mais comum desse modelo é que aquele onde as “empresas startups” pagam uma mensalidade para cobrir os custos de aluguel, uso de telefone e internet. Mas um segundo pilar está crescendo, onde várias incubadoras estão se tornando sócias dos projetos. O terceiro pilar desse modelo tripartite seria aquele onde as “empresas startups” voltam um percentual de seu faturamento para a incubadora.

Porém, as universidades não querem apenas abrigar projetos nascentes, algumas delas engendram o estabelecimento de um quarto pilar, ao criarem formas de garantir que as empresas consolidadas fiquem em seus arredores e garantam a formação de uma maior sinergia entre os agentes através de pequenos *clusters*, daí muitas delas já colocarem em ação projetos para instalarem parques tecnológicos, como no caso da PUC-Rio, da UFRJ, da UFPE e da Unisinos.

Nesse novo paradigma de novas responsabilidades e posicionamentos da universidade brasileira, as incubadoras tornam-se um meio eficaz de facilitar o caminho que deve ser seguido entre a idéia do empreendedor e a sua efetivação, portanto através de postura mais pró-ativa, como têm demonstrado as iniciativas públicas e privas, no gráfico 2, a seguir.

Gráfico 2 – A Vinculação Formal entre a Incubação e a Universidades e Centros de Pesquisa



Fonte: Anprotec (2002).

Como na universidade as incubadoras também se mostram como sendo um núcleo aglutinador, de onde saem e partem vetores da integração universidade-empresa, para o sucesso da incubação faz-se necessária a participação e cooperação, não somente das empresas interessadas, dos órgãos de apoio e das instituições públicas e privadas, mas também se faz mister a constante evolução e maleabilidade deste modelo de incubação universitária, como evidenciado timidamente no caso brasileiro, que embora demonstre ser tripartite, tende a se projetar para um modelo superior, devido às especificidades e complexidades de cada universidade.

4.2 - A INCUBAÇÃO UNIVERSITÁRIA DE COOPERATIVAS POPULARES

A exigência de que a universidade apresente respostas aos problemas econômicos e sociais e a crescente transformação da ciência em força produtiva reclamam o privilegiamento de ações extensivas de responsabilidade social junto às comunidades locais.

Diante destas demandas, algumas universidades têm se tornando mais efetivas e socialmente mais responsáveis através da incubação de cooperativas populares e do redesenho dessas organizações,

assim influenciando de forma significativa o bem-estar de determinadas localidades através da incubação de cooperativas populares que estimulam ações empreendedoras.

Percebendo a enorme distância que separa a sociedade brasileira e os graves problemas sociais que afetam a maioria absoluta de sua população, essas iniciativas buscam resgatar a dívida que a universidade brasileira tem com sua sociedade, procurando formas alternativas para disponibilizar a todos, sem exceções, o conhecimento técnico-científico acumulado ao longo de séculos de pesquisa científica, em todo mundo.

Os projetos têm nascido da combinação das demandas das prefeituras municipais e dos governos estaduais, de um lado, e da disponibilização do acúmulo teórico e técnico-metodológico realizado pelas universidades e centros de pesquisa, através das *Incubadoras de Cooperativas Populares*, por outro lado.

Da primeira parte, são colocadas as necessidades imperiosas e imediatas de formulação e execução de políticas públicas eficazes de desenvolvimento local e de combate ao desemprego, para a geração de postos de trabalho, combinando perenidade, geração e distribuição de renda, autonomia dos agentes e contribuição ao desenvolvimento local através do estímulo ao empreendedorismo.

Da outra parte, é colocada a necessidade de pôr em prática o compromisso acadêmico das universidades e centros de pesquisa, de socialização do conhecimento científico desenvolvido a partir das necessidades da própria sociedade.

A construção de uma Incubadora de Cooperativas Populares é um processo social. A metodologia para a consecução dos objetivos deste projeto levam em consideração a necessária flexibilidade para uma dinâmica que envolve um conjunto grande de atores sociais com trajetórias e objetivos diferenciados. Portanto, é um processo que deve ser avaliado e re-planejado a cada fase de sua execução.

5 - ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

O Brasil não tem muita tradição em parcerias empresa-universidade, ao contrário do que se pode observar em países como os EUA ou na Europa, não obstante demonstra uma alta propensão ao empreendedorismo, o que revela que há possibilidades de uma maior inserção da universidade na construção de parcerias e na ampliação do empreendedorismo através do movimento de empresas juniores e das incubadoras tecnológicas e cooperativas, ao implementarem estratégias que estreitem o relacionamento entre as empresas de pequeno, médio e grande porte e a universidade.

À partir deste cenário, constata-se a necessidade de se estimular nos cursos universitários o desenvolvimento de um profissional que possua algumas características e atributos comuns ao de um empreendedor que, de acordo com pesquisas realizadas por especialistas são: (1) visão de futuro; (2) liderança; (3) autonomia; (4) criatividade; (5) perseverança; e (6) arrojo (arriscar-se moderadamente). Assim, além de oferecer uma excelente grade curricular que forneça o conhecimento, faz-se também necessário cursos que venham desenvolver tais características e atributos empreendedores no aluno (Ottoni, 2003).

Ademais, vínculos com universidades e centros de pesquisa são importantes, para que as incubadoras de empresas fortaleçam o seu negócio. Ocorrem benefícios para ambas as partes, pois a incubadora pode se tornar um meio de transferência de tecnologia entre a universidade e o mercado, e a universidade pode ser um meio de geração de tecnologia, inovação e oferta de novos empreendedores à incubadora através de alunos com um alto grau de capacitação. Por outro lado, o pequeno empreendedor também é beneficiado, ao fazer parte de um projeto de Incubação Universitária de Cooperativas Populares, que não somente amplia a *responsabilidade social* da universidade, como também estimula o empreendedorismo via extensiva.

As empresas juniores, por outro lado, possuem um papel fundamental na formação complementar de futuros profissionais, pois permitem a integração da teoria e prática na realização dos projetos. Ademais, permitem vivência e visão empresariais aos alunos. A Universidade, através da aliança com a empresa júnior cumpre o seu papel de difusor de conhecimento para a melhoria e desenvolvimento da sociedade.

O grande desafio, tanto para o crescimento do número quanto da qualidade das EJs estará na capacidade das universidades em formar estudantes com perfil empreendedor. Essa integração entre faculdades e incubadoras tem papel ainda mais importante: cria uma cultura empreendedora local, gerando crescimento econômico.

Os laços entre as incubadoras e as empresas juniores, que compartilham os mesmos espaços físicos das universidades, tendem a se estreitar à medida que a cooperação entre ambas prevaleça. Os incentivos desta junção ainda estão num baixo nível, mas existe apoio na disponibilidade e nos

recursos básicos necessários para implantação e os próprios cursos de empreendedorismo da universidade têm um importante papel para aumentar esta convergência.

Um maior envolvimento das incubadoras com as EJs pode trazer maior rentabilidade, além de continuar a cumprir o papel de preparação e imersão do corpo discente no mercado de trabalho. Para tanto é necessário que os empresários juniores catalisem, junto às incubadoras, o processo de início de desenvolvimento de um novo negócio, provendo os jovens universitários empreendedores com todo suporte necessário para gerenciar suas empresas juniores, estabelecendo redes de contatos e ferramentas que farão seus empreendimentos atingirem o sucesso.

Assim como demonstrado, o apoio à formação de cursos interdisciplinares que foquem o empreendedorismo, às Incubadoras Universitárias e EJs por parte das universidades, trata-se de uma política pró-ativa, à medida em que concilia os interesses de docentes e alunos para um fim comum de desenvolvimento de habilidades e de empreendimentos.

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANPROTEC – Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos de Tecnologias Avançadas. **Panorama das Incubadoras: Pesquisa 2002**. Brasília: ANPROTEC, 2002. Disponível em <www.anprotec.org.br>. Acesso em 05 de Setembro de 2003.
- BERMÚDEZ, L. A. “Incubadoras de empresas e Inovação Tecnológica: o Caso de Brasília”. **Parcerias Estratégicas**, nº 8, maio. Brasília: MCT, 2000.
- BRISOLLA, S. N. “A relação da universidade com o setor produtivo: o caso da Unicamp”. **Revista de Administração**, vol. 25, nº 1. São Paulo: Fea/Usp, 1990.
- CUNHA, L. A. “Universidade e Sociedade: uma nova dependência?”. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, vol. 74, janeiro/abril. Brasília, 1993.
- DORNELAS, J. C. A. **Implantação do Plano de Negócios nas Incubadoras de Empresas Paulistas**. Escola Tese de mestrado. São Carlos: EESC/USP, 2001.
- FONTES, D. “As incubadoras das universidades viraram um habitat para startups de altíssima tecnologia”. **Revista InfoExame**, nº 186, setembro. São Paulo: Editora Abril, 2001.
- GRYNSZPAN, F. “A visão empresarial da cooperação com a universidade”. **Revista de Administração da USP**, vol. 34, nº 4. São Paulo: Fea/Usp, 1999.
- HARDY, C. & FACHIN, R. **Gestão estratégica na universidade brasileira: teoria e casos**. Porto Alegre: UFRGS, 1996.
- LEITE, V. F. “Crescente demanda pela educação empreendedora com métodos apropriados e o caso UNIFEI”. **Anais do XIII ENANGRAD**. Rio de Janeiro: Enangrad, 2002. Disponível em: <www.angrad.com>. Acesso em 05 de Setembro de 2003.
- MARIOTTI, H. **Organizações de aprendizagem: educação continuada e a empresa do futuro**. São Paulo: Atlas, 1995.
- OTTOBONI, C. “Empreendedorismo como metodologia inovadora de ensino – um estudo de caso”. **Anais do VI SEMEAD**. São Paulo: Fea/Usp, 2003.
- PALADINO, G. G. “Empresas Juniores: Uma inovação na interação dos universitários com a realidade empresarial”. Brasília: ANPROTEC, 2001. Disponível em: <www.anprotec.org.br>. Acesso em 05 de Setembro de 2003.
- PLONSKY, A., G. “Interação universidade empresa”. **Cooperação empresa-universidade no Brasil: um novo balanço prospectivo**. Brasília: IBICT, 1998.
- REGULY, J. C.; et alii. **Idéias de quem faz: Política Científica e Tecnologia, financiamento da pesquisa e ensino de ciências no Brasil**, Brasília, MEC/SG, 1987.
- RAMOS, R. C. O. **Perfil do Pequeno Empreendedor: uma investigação sobre as características empreendedoras na pequena empresa**. Tese de mestrado. São Carlos: EESC/USP, 2000.
- STEWART, T. A. **Capital intelectual: a nova vantagem competitiva das empresas**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.